

## UM ANIVERSARIANTE

2221.4.49 RUBEM BRAGA

O sr. Getúlio Vargas, como é de seu costume, fez anos no dia 19 de abril. Mandei o meu telegrama de felicitações, como certamente muitos outros milhares de brasileiros fizeram nesse dia. Apenas como sou um brasileiro de pouca imaginação, não enderecei o telegrama ao sr. Vargas, mas a um homem sem qualquer importância que às vezes faz uns versinhos (muitos de pé quebrado, outros sem pé nem cabeça) e se chama, no século, Manuel Bandeira.

Também o poeta fez anos. E seria o caso de perguntar a esses dois senhores que fizeram êles do tempo de sua vida. A Manuel Bandeira não é preciso perguntar muito, êle mesmo responde num verso: «passei a vida à-tôa, à-tôa.» Será que não fez nada? Dizem que sim.

Ele mora sozinho em um apartamento, porque é homem de seu natural misterioso e recatado — e talvez também porque não tenha vacas, ao passo que o sr. Vargas as tem muitas e gordas. Não conseguimos imaginar o que faria o poeta se o soltássemos no pasto, senhor de muitas vacas, tal como o sr. Vargas, umas de quatro, outras de duas pernas, e tão amigo delas que longo tempo se entreteve em avacalhar o país, o que fez com certo êxito até o momento em que tentou avacalhar demais nomeando um chefe de Polícia que francamente era um pouco de exagêro. Mas ora, deixemos lá o sr. Vargas a chopitar o mate amargo de seu ostracismo adoçado pelo generoso subsídio que lhe pagamos, através do Senado, pela sua vagabundagem pastoril. Voltemos a Manuel Bandeira que não é senador senão na República das letras, essas letras que o sr. Barão de Saavedra jamais desconta e o sr. Guilherme da Silveira nunca redesconta.

Interroguel longamente os srs. Genolino Amado e Lúcio Rangel, moradores do mesmo prédio, sobre o que faz o sr. Bandeira encerrado solitário em seu apartamento. Êles não quiseram me dizer nada, alegando que o poeta muitas vezes tranca a porta e desliga o telefone e, pois, se isola do mundo. Mas Genolino é um tanto loquaz, pelo hábito do rádio, e Lúcio, embora muito morigerado, costuma ser arrastado pelo sr. Luís Jardim, quase à força, para um ou outro whisky sob o olhar matriarcal do sr. Silva do Pardelas.

Entre ondas hertzianas e fluidos escoceses êles afinal se confessaram perplexos, dizendo que nada sabem mas desconfiam muito. Ora é uma nuvem sobre o mar que de cinzento se faz violeta, ora é um rouxinol que muito moradores ouvem cantar em plena noite tropical, ora é um bêbado que afirma no elevador ter visto florescer sob seus olhos, no pátio interno, um edelvaís dos Pirineus; então começa a reinar a inquietação no interior dos cubos de cimento superpostos, e todos murmuram que o edificio é bem-assombrado e dizem entre si, nos corredores: «êle está fazendo mágicas». Sim, a porta está fechada e o telefone desligado, e neste momento um adolescente nervoso declara que estava olhando na janela e viu, viu! um pouco longe no mar, perto do atêrro, entre uma barcaça de pesca e uma barca da Cantareira, a Vênus de Boticelli surgir nua no mar e acenar com um sorriso para o edificio.

Então não resta dúvida: então vem outro que diz ter ouvido o farfalhar de coqueiros e um canto de azulão, e durante uns instantes a parede do apartamento, na obscuridade, teve o brilho macio de azulejos coloniais de velhos sobrados.

Contaram-me essas coisa, falaram no caso da estrela da manhã e da filha do rei (que melhor é não referir nem um nem outro, pois, ainda que o poeta seja solteiro, isso é matéria de moita) e subitamente caíram em si e juraram que na verdade tudo era mentira, que o poeta não faz nada e é um homem direito. Mas estavam um pouco trêmulos, e, no fundo de seus olhos, eu senti a sombra do Respeito e do Temor...